DEPARTAMENTO DE PSICANÁLISE

Entretantos, 2014

Grupo: **PSICANÁLISE E CULTURA**

Integrantes: Beatriz Mendes, Catarina Oesegawa, Paula Sálvia Trindade e Sérgio Telles.

Interlocutor: Sérgio Telles

Articuladora da Área de Formação Contínua: Noemi Moritz Kon

"SOBRE O PSICANÁLISE E CULTURA"

Apresentador: **SÉRGIO TELLES**

Em 2002, procurei Miriam Chneiderman com o objetivo de pensar um espaço no Departamento dedicado a explorar as relações entre psicanálise e cultura. Convidamos David Calderoni, Noni Kon e Giovanna Bartucci, que aceitaram participar da empreitada. Formalizamos uma proposta inicial e a levamos ao Conselho, que a aprovou. No primeiro ano tivemos várias reuniões para definir nossa atuação dentro desse vasto campo. Interesses diversos e prioridades pessoais fizeram com que esses primeiros participantes do grupo não levassem em frente o que parecia ser um começo promissor.

A proposta poderia ter então desaparecido, mas como o espaço estava formalmente instituído, achei que valia a pena insistir e aos poucos foram surgindo colegas interessados que deram corpo e consistência ao grupo. No momento contamos com a participação de quatro membros efetivos do Departamento – Beatriz Teixeira Mendes, Catarina Oesegawa, Paula Salvia Trindade e eu mesmo e 4 postulantes a membro - Flávia Steuer, Maiana Rappaport,Tânia Corghi Veríssimo e Vânia Paschotto que finalizaram o curso agora. Temos ainda mais três participantes não membros da instituição - João Carlos de Araújo, Marta Trevisan e Lilian Rozenblitz. A forma de ingresso consiste numa entrevista de avaliação do interessado com o coordenador. A composição do grupo segue com flexibilidade as indicações do Conselho, beneficiando-se do fato de ainda estarem em discussão as questões de porcentagem entre membros, candidatos e convidados.

Nosso trabalho se baseia do pressuposto que a relação entre psicanálise e cultura é visceral, intrínseca, indissociável. Freud, é claro, foi o primeiro a admitir isso. Sempre afirmou que a psicanálise transcendia sua vertente terapêutica e se abria para a compreensão das grandes questões humanas.

Esse interesse de Freud sobre a cultura se manifesta explicitamente em muitas de suas obras, como "Atos obsessivos e práticas religiosas" (1907), "Ética sexual civilizada e as modernas doenças nervosas"(1908), "Totem e Tabu – alguns pontos de concordância entre a vida mental dos selvagens e a dos neuróticos" (1912), "A ocorrência nos sonhos de material proveniente dos contos de fadas"(1913), "Um paralelo mitológico a uma obsessão visual"(1916), "O tabu da virgindade"(1918), "A psicologia do grupo e a analise do ego"(1921), "O futuro de uma ilusão"(1927), "O mal-estar da civilização"(1930), "A aquisição e o controle do fogo"(1932), "Uma nota sobre o antissemitismo"(1938) e "Moises e o monoteísmo"(1939).

Estas obras extraordinárias, que vão além do âmbito da clinica e estabelecem um elo com a antropologia, permanecem vivas e ainda hoje suscitam polêmicas.

Atento às produções culturais e desejoso de usar o arsenal psicanalítico para melhor compreendê-las, Freud acompanha a opinião geral que considera a arte como um dos pontos culminantes da criação humana. Nela reconhece a manifestação privilegiada da sublimação, mecanismo psíquico por ele tido como um dos esteios da civilização. Freud dedica aos artistas o máximo respeito. Constata que eles têm um conhecimento intuitivo direto daquilo que o psicanalista se esforça para dominar, possuem eles a capacidade de simbolizar e representar em suas obras os conflitos internos inconscientes que ficam reprimidos, cindidos ou negados na maioria das pessoas. Em textos como Gradiva de Jensen, o devaneio e o escritor criativo, Leonardo, Moises, Dostoievsky, Freud se debruça sobre os enigmas da criação da obra de arte.

O interesse por essas aplicações da psicanálise no campo da cultura levou Freud a afirmar em 1927(na introdução de "A questão da análise leiga"): "Como uma

'psicologia profunda', uma teoria do inconsciente mental [a psicanálise] pode tornar-se indispensável para todas as ciências que se interessam pela evolução da civilização humana e suas principais instituições como arte, religião e a ordem social. Em minha opinião ela já proporcionou a essas ciências considerável ajuda na solução de seus problemas. Mas essas são apenas pequenas contribuições em confronto com o que poderia ser alcançado se historiadores da civilização, psicólogos da religião, filólogos e assim por diante concordassem em manejar o novo instrumento de pesquisa que está a seu serviço. O emprego da análise para o tratamento das neuroses é somente uma de suas **aplicações**; o futuro talvez demonstre que não é o mais importante. Seja como for, seria errôneo sacrificar todas as outras aplicações a essa única, só porque diz respeito ao circulo de interesses médicos" (p. 280-1).

A esse aporte freudiano e de tantos outros psicanalistas que com ele comungam, acrescentamos a abordagem de Derrida. Em seu "Estados d'Alma da Psicanálise", conferência pronunciada no Primeiro Encontro dos Estados Gerais da Psicanálise, Derrida conclama a psicanálise a "não resistir a si mesma" e a não se furtar ao debate público, desde que nele pode e deve fazer inestimáveis contribuições. Para Derrida, os campos da ética, do jurídico e do político não podem prescindir do saber psicanalítico.

Esvaziado o discurso religioso que explica o Mal como decorrência da queda de Adão, Derrida diz que somente a psicanálise tem instrumentos para lidar adequadamente com essa magna questão. Fenômenos como a guerra e a soberania dos estados não podem ser compreendidas como decorrência exclusiva de forças econômicas em conflito. O Nazismo e sua capacidade de encantamento das massas, sua ideologia da raça pura e consequente extermínio daqueles a ela não pertencentes, a violência e a destrutividade presentes em tantos dos atos humanos - tudo isso exige uma compreensão que somente a psicanálise pode oferecer.

As formulações de Derrida desconstroem a dicotomia entre análise “clinica” e "aplicada", mostrando que muito dessa divisão advém de uma postura defensiva própria de uma psicanálise que “resiste a si mesma”.

Sobre essa dicotomia, Kohut (citado em Esman) faz um comentário irrefutável. Diz ele : "[Na análise dita "aplicada"] O leitor tem acesso a todo o material que sustenta as conclusões do autor e não há nenhuma necessidade em disfarçar informações ou omitir dados em função do sigilo, coisa imprescindível quando se trata de material clínico; o procedimento do autor é, então, exposto diretamente ao exame e estudo. A análise ‘silvestre’ do amador pode ser identificada pelo leitor qualificado, enquanto a perícia, a cautela e o tato daqueles mais experientes e talentosos de nosso campo podem ser estudados em sua interação com aquele livre fluxo de imaginação que sempre permanecerá indispensável ao psicanalista".

Outra conhecida questão levantada por essa divisão é a alegação que somente o material clínico – entenda-se aquele colhido na relação transferencial com o paciente – seria o “ouro”, a matéria prima da psicanálise, o único a possibilitar desenvolvimentos teóricos. Esman rebate tal argumento ao lembrar que Freud fez avanços teóricos decisivos através de textos de “análise aplicada”: a começar com o próprio Edipo, a leitura das memórias do presidente Schreber, onde estabeleceu teorizações fundamentais sobre a paranoia, e os estudos sobre Leonardo, com elaborações também decisivas sobre o homossexualismo e narcisismo.

Em nosso grupo, nesses mais de dez anos temos discutido à luz da psicanálise inúmeros filmes e obras literárias, além de estudar os textos psicanalíticos canônicos dedicados ao assunto. Sempre que possível também praticamos uma espécie de psicopatologia da vida cotidiana, refletindo sobre noticias veiculadas na mídia, acontecimentos sócio-culturais que comportam uma compreensão psicanalítica.

Por motivos de ordem prática, em nossos encontros, temos privilegiado o cinema como disparador. Dada a crônica falta de tempo que nos acomete a todos, um filme

oferece a vantagem de, habitualmente, não exigir mais do que duas horas para ser visto, algo muito diferente da leitura de um livro, que consome muito mais tempo.

O cinema tem uma extraordinária semelhança com o sonho. Sua estrutura narrativa, com cortes, fusões, movimentos de câmara, provoca uma imediata intimidade com o expectador, que ali reconhece a "outra cena" que frequenta toda noite ao dormir e sonhar. Além disso, como toda boa arte, o cinema expressa com grande acurácia conflitos psíquicos, cuja análise nos enriquece e ajuda em nossa pratica diária.

Como ilustração de nossa atividade recente, lembro a discussão sobre os filmes "Azul é a cor mais quente" de Abdellatif Kechiche, "Um estranho no lago" de Alan Guiraudie e "Ninfomaníaca 1" de Trier, tendo como eixo a questão da sexualidade, erotismo e pornografia e a atual absorção desta ultima pelo cinema *mainstream.*

Revimos também o filme " Anticristo" de Trier, que possibilitou uma discussão sobre o ginocídio ou femicídio, crime tipificado pelas feministas em oposição a homicídio, que se caracteriza pelo assassinato da mulher por ser ela mulher. Haveria uma ligação direta entre femicidio e o matricídio? Como a psicanálise lida com o matricídio? Seria ela um reprimido frente ao parricídio triunfante?

No ano passado estudamos os textos de Otto Kernberg, que nos ajudaram a refletir sobre as manifestações de junho. Lemos também alguns textos de André Green sobre Shakespeare (Macbeth e Rei Lear) e Pushkin (A dama de espadas). A propósito, André Green, cujo livro sobre Leonardo e o cartao de Londres é uma preciosidade, ironicamente oferece seu livro "O Desligamento", que é um livro de psicanálise aplicada, para os "colegas que não acreditam na possibilidade de uma psicanálise aplicada".

Agradeço a oportunidade de falar sobre o "Psicanalise e Cultura". Espero ter transmitido a vocês o entusiasmo que temos por este campo da psicanálise e fico à disposição para maiores esclarecimentos.

DEPARTAMENTO DE ANÁLISE

Referências bibliográficas

Derrida, J. – Estados d'alma da psicanálise – Editora Escuta, 2001

Esman, A. H. – What is "applied" in "applied" psychoanalysis? – International Journal of Psychoanalysis, 1998, 79: 741-56

Freud, S – A questão da análise leiga – vol.XX - obras completas Imago

Green, André. - O desligamento – Psicanálise, Antropologia e Literatura – Imago – Rio, 1994

Kernberg, O. – Ideologia, conflito e liderança em grupos e organizações – ArtMed – Porto Alegre, 2000

SEDES SAPIENTIAE

Instituto Sedes Sapientiae
R. Ministro Godói, 1484
CEP: 05015-001
São Paulo/ SP